



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA

MARCÍLIO DE SOUZA SANTOS ARAÚJO

**FIANDO RENDA, TECENDO HISTÓRIA E FAZENDO MEMÓRIA: A ARTE DO
LABIRINTO NA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DAS LABIRINTEIRAS DA
COMUNIDADE DE CHÃ DOS PEREIRAS – PB**

CAMPINA GRANDE

2017

MARCÍLIO DE SOUZA SANTOS ARAÚJO

**FIANDO RENDA, TECENDO HISTÓRIA E FAZENDO MEMÓRIA: A ARTE DO
LABIRINTO NA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DAS LABIRINTEIRAS DA
COMUNIDADE DE CHÃ DOS PEREIRAS – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dra. Patrícia Cristina de
Aragão.

CAMPINA GRANDE

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658f Araujo, Marcilio de Souza Santos.
Fiando renda, tecendo história e fazendo memórial [manuscrito] : a arte do labirinto na memória e identidade cultural das labirinteiras da comunidade de Chã dos Pereiras-PB / Marcilio de Souza Santos Araujo. - 2017.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História cultural. 2. História das mulheres. 3. Artesanato.
4. Labirinto.

21. ed. CDD 981.33

MARCILIO DE SOUZA SANTOS ARAÚJO

FIANDO RENDA, TECENDO HISTÓRIA E FAZENDO MEMÓRIA: A ARTE DO
LABIRINTO NA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DAS LABIRINTEIRAS DA
COMUNIDADE DE CHÁ DOS PEREIRAS - PB

Trabalho de Conclusão de Curso de
História submetido à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado
em História.

Aprovada em: 15/02/2017

BANCA EXAMINADORA

Patricia Cristina de Aragão

Prof.^a Dr.^a Patricia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rozeane Albuquerque Lima

Prof.^a Ms.^a Rozeane Albuquerque Lima (Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

José do Egito Negreiros Pereira

Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE

2017

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Marluce, por suas preocupações constantemente com um zelo enorme comigo desde as idas e vindas para a universidade e também todo percurso de minha vida, meus agradecimento e trajetória de vida acadêmica dedico-me a ela.

Ao meu Deus onipotente, meu protetor diário que me guia com sua luz. E aos Santos(as) religiosos que me apeguei ao decorrer de minha vida acadêmica em momentos difíceis, na busca de conquistas a se torna nos dias de hoje uma pessoa vitoriosa guiado pelo escudou de minha Fé e conhecimento .

À professora Dr. Patrícia Cristina de Aragão, o meu anjo da guarda. Por ter aceitado meu convite há ser minha orientadora e ter superado comigo juntos na construção desse trabalho de conclusão de curso nas pesquisas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A meu pai João Batista por ter proporcionado ajuda em minha educação, e no decorrer de minha vida.

As minhas avós materna Luiza e paterna Severina, minha irmã Maria Vitória as minhas tias e tios em especialmente Luciana, Maria do Socorro, Claudiana e Luciene e ao meu tio Luciano, a minha madrastra Jozilene, madrinhas, primas e primos pela compreensão por minha ausência em alguns momentos familiares.

Ao meu avô materno, embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores que participa da banca examinadora: Professor Me. José do Egito Negreiros Pereira (UEPB) e Professora Me. Rozeane Albuquerque Lima (UFPE), o nosso agradecimento.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, especialmente a Maria Clebiana e Talita grandes amigas, e as demais como Aldiene, Letícia, Zé Maria e Roberto. Aos colegas de outros cursos, e aos que saíram do curso de história imigrando para outros cursos que fiz grandes amizades durante a minha graduação na UEPB. Também aos professores do Departamento de História, e alguns funcionários da UEPB. E aos colegas desde infância e de trabalho todos de minha localidade Chã dos Pereiras-PB, pelo companheirismo durante minha vida acadêmica e de um futuro próspero de conhecimento.

“A persistência em dá forma, em criar, insculpir no linho desenhos e figuras, dão as artesãs do povoado de Chã dos Pereira uma caráter quase divino. Munidas com pano e agulha elas conseguem contar a sua história a partir de sua arte, de sua cultura (FERREIRA,2012).”

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1- INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 2- O LUGAR DA MEMÓRIA NA HISTÓRIA DAS LABIRINTEIRAS: PERCURSO DA HISTÓRIA CULTURAL..... | 14 |
| 3- MULHERES ARTESÃS E SUAS ARTES DE FAZER HISTÓRIA.. | 17 |
| 4- CHÃ DOS PEREIRA, E SUA IDENTIDADE CULTURAL PELO LABIRINTO..... | 21 |
| 5- TRAJETÓRIA DE VIDA DAS MULHERES LABIRINTEIRAS DE CHÃ DOS PEREIRAS E NARRATIVAS DE MEMÓRIA..... | 24 |
| 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 29 |
| REFERÊNCIAS..... | 30 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| 1- FIGURA: As mulheres labirinteiras | 13 |
| 2- FIGURA: Josefa Ferreiras de Oliveira..... | 14 |
| 3- FIGURA: Antônia Ribeiro de Mendonça..... | 14 |
| 4- FIGURA: Chã dos Pereiras-PB..... | 23 |
| 5- FIGURA: Expressão artística nas calçadas: a pratica da Arte do labirinto | 24 |
| 6- FIGURA: Associação das Artesãs de Chã dos Pereiras..... | 25 |

FIANDO RENDA, TECENDO HISTÓRIA E FAZENDO MEMÓRIA: A ARTE DO LABIRINTO NA MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DAS LABIRINTEIRAS DA COMUNIDADE DE CHÃ DOS PEREIRAS – PB

Marcilio de Souza Santos Araújo¹
marciliodes2@gmail.com
(Universidade Estadual da Paraíba)

RESUMO

A arte do labirinto faz parte da história da Comunidade rural Chã dos Pereiras, no município de Ingá-PB. Nesta localidade, o trabalho das mulheres tem se destacado neste tipo de artesanato, tanto na sustentabilidade econômica da família, como na ressignificação do fazer feminino nesta territorialidade, dando importância as práticas que elas desenvolvem e notabilizando sua arte no cenário local e regional. Neste artigo, discutimos sobre a trajetória de vida das mulheres da comunidade, através de seu trabalho com o labirinto. O objetivo geral é analisar a arte do labirinto na Comunidade de Chã dos Pereiras-PB, por meio de suas narrativas de história de vida e trabalho, na perspectiva da memória. Nosso estudo está situado dentro do campo da pesquisa em História sobre mulheres, articulando a discussão entre trabalho e memória. Trabalhamos na perspectiva teórica de Pollak (1989), Pollak (1992), Sorrentino (1993), Pesavento (2005), Abrante (2012), Ferreira (2012), Cunha (2014). Compreendemos que o labirinto destaca o trabalho das mulheres, mas também, marca uma nova historicidade nas suas vidas contribuindo para suas afirmações no campo do trabalho e na história de vida.

Palavras-Chave: Mulheres. Labirinto. História de Vida e memória.

1 INTRODUÇÃO

A arte do labirinto se constitui em uma prática cultural, histórica e social, mas que na sua produção a partir de uma estética cheias de detalhes fascinantes traz na peça de pano, a força do artesanato da comunidade de Chã dos Pereiras, na cidade de Ingá-PB, como também, vestígios históricos de sua memória. Esta arte é construída por mulheres desta comunidade que no ofício de artesã, desenvolve a prática sociocultural que faz parte da história tanto individual como coletiva.

¹ Graduando em História. Pesquisador do Projeto de Extensão Ensinar História e Educar em Direitos Humanos. Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: marciliodes2@gmail.com

O labirinto na história da Comunidade rural Chã dos Pereiras, no município de Ingá-PB, se destacou a partir de trabalho de mulheres neste tipo de artesanato, oferecendo sustentabilidade econômica as famílias destas mulheres, além da ressignificação do fazer feminino.

Tal prática requer habilidade, criatividade e paciência em suas múltiplas etapas no seu modo de produção, criando uma variedade, algumas que servem para serviços de cama, mesa, roupa e outros aproveitamentos domésticos, e templos religiosos. Essa é a renda de labirinto, mas conhecida nacional e internacionalmente como “Artesanato de Labirinto”. A ênfase maior a ser tratada neste estudo é de como este artesanato traz benefícios fazendo parte da história de vida e memória das mulheres artesãs da comunidade de Chã dos Pereiras – PB. Observa que no decorrer do tempo, o labirinto foi se tornando tanto uma arte que representa a comunidade, como as mulheres possibilita através do trabalho delas uma forma de renda, ou seja, as mulheres descobriram, através do labirinto, um meio de sustentar a família e por intermédio do artesanato ter um ofício que transformou e faz parte da identidade cultural da comunidade.

Na complexidade do bordado, de tantos detalhes a serem exibidos, pelos esforços em sua produção que é elevado e passar por várias etapas, é importante destacar o significado histórico, cultural, memorialístico e patrimonial destas mulheres. Compreendemos através da pesquisa realizada que a arte do labirinto, não deixa de ser algo prazeroso e terapêutico na sua produção e que marca a história de vida destas pessoas.

Neste artigo, discutimos sobre a produção da arte de labirinto da comunidade, por meio do ofício das mulheres. Nosso estudo, está situado no campo da pesquisa em História sobre mulheres, articulando a discussão entre gênero, memória e história de vida mediados pelo trabalho. O objetivo geral é analisar a arte do labirinto na Comunidade de Chã dos Pereiras-PB, através de narrativas de história de vida de mulheres, na perspectiva da memória. Nossa proposta é discutir sobre a importância que o labirinto tem nesta comunidade e o trabalho feito com esta arte pelas mulheres, analisando a memória e história das labirinteiras de Chã dos Pereiras -PB, na elaboração do artesanato de labirinto, além de mostrar como esta arte tercem sua história e memória de vida através desta arte.

Trabalhamos na perspectiva de Ferreira (2012), Sorrentino (1993), Cunha (2014), Abrante (2012), Pollak (1992), Pollak (1988), Pesavento (2005), para

discutirmos sobre memória, identidade, história de vida e trabalho na elaboração da arte do labirinto. A importância desta pesquisa para o campo dos estudos históricos é que ao articular gênero e memória na perspectiva do aspecto cultural da história local, trazendo o labirinto e ressaltando sua relevância histórica e social, estamos dando ênfase a localidade e o potencial que ela apresenta no contexto da realidade social e cultural paraibana. Como problemática desta pesquisa, levantamos o seguinte questionamento: de que modo arte do labirinto contribuiu para a memória e história local a partir do trabalho e história de vida das labirinteiras?

A abordagem metodológica é alçada em uma pesquisa com história oral e também, de cunho bibliográfico e documental, no qual utilizamos como fontes históricas: catálogos, artigos de revista, e o documentário labirintos e renda de Chã dos Pereiras – Ingá PB. A escolha pelo tema sobre as labirinteiras e o artesanato de labirinto da comunidade de Chã dos Pereiras – PB, surgiu na perspectiva de saber mais informações, uma vez que esta arte é um grande orgulho da comunidade de onde moro e por ser conterrâneo destas mulheres quis enaltecer essas artesãs que desde criança desenvolvem suas práticas na criação desse artesanato.

Nosso intuito é enfatizar o ofício das labirinteiras dialogando de modo interdisciplinar através da memória e identidade. O envolvimento de práticas femininas em prol do reconhecimento, manifestando perante as pesquisas: momentos, desafios que essas mulheres tiveram em suas trajetórias de vida com essa arte.

Trata-se uma pesquisa em história com uso da História Oral Temática e também com uso das entrevistas. As entrevistas utilizadas para temática sobre o artesanato de labirinto, com as labirinteiras gera um processo de reconhecimento diante de suas informações pronunciadas ao pesquisador. Atribuída como uma Fonte Oral, a entrevista nos dá informações sobre as artesãs e, todo envolvimento que estas têm com este artesanato.

Nesse cenário, a História Oral é uma metodologia de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas de experiências humana. Definida por Allan Nevis (1985) como, “moderna história oral” devido ao uso de recursos eletrônicos por meio das quais se produz conhecimento”, assim a História Oral é uma metodologia, um documento, que podemos usar do mesmo diálogo com cujas fontes narrativas são documentos que podemos utilizar como de pesquisa.

A História Oral tem como principal finalidade reconstituir a história através da oralidade, portanto o estudo da História Oral serve como interlocutor para história, em uma sistematização de elementos em depoimentos que através da pesquisa historiográfica contribui no campo dos estudos históricos para entender um dado contexto histórico. Através da entrevista é possível detectar aspecto da pesquisa realizada que o documento inscrito não capta, além da pesquisa com História Oral foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental.

Trabalhamos com mulheres labirinteiras nas faixas etárias de 50 a 80 anos sendo duas professoras e as demais agricultoras, residentes na comunidade de Chã dos Pereiras, Ingá- PB, que já concluíram seus estudos. Através dos depoimentos podemos compreender a história do artesanato de labirinto pelas falas delas.

Os sujeitos participantes da nossa pesquisa foram Josefa Ferreira de Oliveira e Antonia Ribeiro de Mendonça:

FIGURA 1: As mulheres labirinteiras



FONTE: Guga Millet (2017)

Sendo que Josefa Ferreira de Oliveira, de 64 anos, mora na comunidade de Chã dos Pereiras, Ingá-PB e apresenta Ensino Médio:

FIGURA 2: Josefa Ferreiras de Oliveira



FONTE: Charles Dias (2017)

Perguntada a quanto tempo ela pratica o labirinto, Josefa Ferreira de Oliveira (2017) respondeu:

Comecei a fazer labirinto com 7 anos de idade. Minha mãe numa grade e me ensinando a fazer o labirinto nos matame que sobrava do enchimento que ela ia fazendo, ai comecei a fazer rosinha nos matame que sobrava do enchimento que ela ia fazendo, ai comecei a fazer rosinhas de 6, de 9. Aí até hoje sei fazer labirinto sei fazer de tudo, desfia ao perfila (Josefa Ferreira de Oliveira, 2017).

Antônia Ribeiro de Mendonça, de 85 anos, reside na comunidade de Chã dos Pereiras, Ingá-PB e possui Ensino Médio:

FIGURA 3: Antônia Ribeiro de Mendonça



FONTE: www.inga-cidadao.com (2017)

Questionada a quanto tempo desenvolve a prática do labirinto, Antônia Ribeiro de Mendonça (2017), respondeu:

Olha o Labirinto desde os meus 20 anos trabalho no labirinto. Já com os meus 85 anos, mas aprendi mesmo a arte do labirinto aos 12 anos na cidade Inzá (Antônia Ribeiro de Mendonça, 2017).

A pesquisa foi desenvolvida nos seguintes momentos, no primeiro momento foi feito um análise historiográfica/bibliográfica através de artigos e vídeo documentário acerca do tema; no segundo momento, procuramos as pessoas que fizeram parte dos nossos informantes, sendo as nossas narradoras que participaram da pesquisa apresentando as propostas. No terceiro momento, foi feito as entrevistas; em seguida, as entrevistas foram transcritas e partimos para a organização do texto e conceitos teóricos. No quinto momento, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba para análise e parecer.

A comunidade de Chã dos Pereiras é conhecida hoje, devido ao artesanato de labirinto. O labirinto, deu notoriedade a comunidade, que é chamada de Chã, carinhosamente pelos seus habitantes. A grande contribuição desta arte para comunidade foi que sem ela, o lugar não teria o destaque nacional e o desempenho econômico, já que foi o labirinto que ressaltou a importância cultural, social e econômica da comunidade se diferenciando de práticas de outros diversos povoados rurais do interior da Paraíba.

2 O LUGAR DA MEMÓRIA NA HISTÓRIA DAS LABIRINTEIRAS: PERCURSO DA HISTÓRIA CULTURAL

Nesse tópico, abordamos a relação das labirinteiras na comunidade de Chã dos Pereiras-PB, e as transformações que suas práticas artesanais provocaram na história dessa comunidade. Essas mulheres, são sujeitas que produzem a memória da comunidade pois suas histórias de vida estão intercaladas com a da comunidade a partir da sua importância cultural, tendo referência ao artesanato do labirinto. A necessidade da memória para a história dessas labirinteiras se integram no conjunto da participação social e na vivência de vida delas e suas práticas femininas geradas

para o âmbito da arte, tais como: o trabalho que desenvolvidos em suas casas, as atividades que elas elaboram fora do trabalho da produção de labirinto.

Em sua análise da memória coletiva, Halbwachs (1968) enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam a memória e que a inserem no contexto da memória coletiva. Entre eles, incluem-se evidentemente os monumentos, lugares da memória que analisados por Pierre Nora (1985), nos acompanham por toda a vida, a paisagem, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, o folclore e a música, e, as tradições culinárias.

Em vários momentos, Maurice Halbwachs (1968) insinua que há seletividade na memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possam ser reconstruídas sobre uma base comum.

A arte da renda do labirinto é traçada por uma diversidade de símbolos e detalhes, cuja produção se torna cada vez mais autêntica na demonstração do trabalho feminino com passar dos anos vem a se inovar com outras formas, desenhos e outros produtos na inclusão da renda de labirinto. A ressignificação desta prática, que faz parte da cultura local, vem passando por gerações das labirinteadoras que se articula um trabalho em conjunto com o artesanato do labirinto faz parte da comunidade. A arte do labirinto é uma presença forte na historicidade local, pois ao fazer parte da história traz marcas da memória comunitária.

A cultura é um conceito que passou por transformações, notando-se ainda que o século XX foram elaboradas abordagens em relação ao que se pensava no século XIX sobre cultura. O conceito de cultura, sofreu mudanças pelos historiadores do século XIX que não mostrava adequação de movimentos populares se interligarem nas expressões produzidas pela vida humana (José D'Assunção Barros, 2005).

Para Pesavento (2005), a História Cultural, surgiu da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos Annales e que trouxe novo impulso e renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica a que chamamos, História Cultural ou mesmo de Nova História Cultural. A história dos Annales privilegiava em

sua análise os níveis econômico e social da realidade. A cultura, foi vista como integrante da superestrutura ou como mero reflexo da infraestrutura.

Para Pesavento (2005), História Cultural é chamada de Nova História Cultural, porque está dando a ver uma nova forma da História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do pensamento ou de uma história intelectual ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens e mulheres para explicar o mundo.

Os historiadores do século XIX, costumavam passar ao largo das manifestações culturais de todos os tipos que aparecem através da cultura popular, além de também ignorarem que qualquer objeto material produzido pelo ser humano faz também parte da cultura – da cultura material, mais especificamente. Além disto, negligenciava-se o fato de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo já está produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e de saída, isto já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita, sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu modo de vida.

Para Pesavento (2005) a formulação do ser, desenvolve com o passar do tempo práticas em que ele ou ela viabilize sua cultura na interação social. Antes de mais nada, convém ter em vista que a noção de práticas culturais pensadas não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, às instituições várias, às técnicas e às realizações, por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, como também os modos em que uma dada sociedade, os homens e mulheres falam e se calam, comem e bebem sentam-se e andam, conversam ou discutem.

Corroborando aos embasamentos de Pesavento (2005), fica evidente que as práticas e representações são ainda noções que estão sendo elaboradas no campo da História Cultural e elas têm possibilitado novas perspectivas para o estudo

historiográfico da Cultura, porque juntas permitem abarcar um conjunto maior de fenômenos culturais, além de chamarem atenção para o dinamismo destes fenômenos. Por outro lado, citamos atrás algumas representações do poder que produzem associações com um determinado imaginário político.

O que os historiadores da cultura têm chamado de campo das representações, pode abarcar tanto as representações produzidas ao nível individual, as representações artísticas, por exemplo, como as representações coletivas, os modos de pensar e de sentir a que se referia à antiga noção de “mentalidades”, certos elementos que já faz parte de âmbitos do imaginário e com especial importância, os “símbolos”, que constituem um dos recursos mais importantes da comunidade humana (Pesavento, 2005). Neste sentido, as práticas culturais impressas no labirinto, como arte tem propiciado o desenvolvimento local, mas, sobretudo, trazem e possibilitam elaborar outros modos de compreensão do local, suas memórias e histórias.

3 AS MULHERES ARTESÃS E SUAS ARTES DE FAZER HISTÓRIA

De acordo Rios (1980), o artesanato surgiu quando da necessidade de se produzir bens de utilidade e de uso rotineiro e até mesmo adornos, expressando a capacidade criativa humana como forma de trabalho através da produção de objetos com as próprias mãos. O artesanato é uma atividade que exige criatividade e habilidade pessoal.

O artesanato é uma atividade que exige criatividade e habilidade pessoal, a matéria-prima utilizada na produção pode ser natural, semielaborada ou constituída de produtos e/ou sobras industriais. No processo de produção, podem ser utilizadas ferramentas manuais e/ou elétricas exceto industrial, na execução da atividade que deve ser desenvolvida em ambientes domésticos, pequenas oficinas, grupos de produção e entidades associativas.

Em recente pesquisa realizada pelo Banco do Nordeste (2002), o perfil do artesão nordestino revelou que o trabalho artesanal é segmentado sexualmente, ou seja, a diferenciação nas práticas artesanais ocorre de forma culturalmente determinada conforme o sexo e a tipologia. Rendas e bordados, tecelagem e tecidos são executados, em sua maioria, por mulheres, enquanto trabalhos em couro e metal, madeira e cerâmica são realizados por homens. No tocante à renda, os

rendimentos auferidos pelas mulheres são inferiores aos dos homens, enfatizando, ainda, que as tipologias exercidas predominantemente por homens possuem maior valor agregado de comercialização.

O trabalho feminino costuma ser desvalorizado em todos os sentidos, fato consubstanciado nos salários, consideravelmente inferiores que recebem as mulheres em relação aos auferidos pelos homens quando desenvolvem as mesmas funções. Essa desvalorização, ocorre tanto no espaço público quanto na esfera privada.

O trabalho de dedicação às atividades domésticas tanto é desvalorizado que não chega a ser reconhecido como tal. Essa ideia é tão reproduzida que leva até as próprias mulheres a acreditarem que são incapazes de serem reconhecidas e valorizadas por algo que venham a fazer. O artesanato, mostra para elas mesmas que são capazes e isso influencia diretamente na maneira como essas mulheres passam a se ver, a se reconhecer. O artesanato gera sentimentos positivos e de satisfação nas artesãs, constituindo qualidades de ocupação, capacidade e de se sentirem bem consigo mesmas.

As artesãs admiram-se de si mesmas e de suas habilidades, e o ponto mais alto de tudo isso não é nem quando elas observam o seu produto finalizado e o admiram e sim, quando as outras pessoas o fazem. Serem reconhecidas publicamente, pelo fato de comercializarem em espaços públicos, talvez seja a maior recompensa exatamente porque essas mulheres não vivenciam esse reconhecimento em casa, no lar ou por parte da família.

Para esta última, como se poderá observar, o trabalho artesanal é como outro qualquer e ainda inferior pelo fato de não o considerarem como uma profissão. O artesanato, pode ser o único meio de valorização dessas mulheres. Isso possibilita que, dentre outros, o *lócus* da produção artesanal dilua-se com o mesmo dos afazeres domésticos, modificando de forma intensa as relações na esfera privada. Essas mulheres encaram uma dupla, por vezes, tripla jornada de trabalho no espaço do lar.

O fato de produzirem em casa permite uma continuidade da reprodução dos papéis sexuais estabelecidos, ou seja, grande parte das tarefas domésticas, cuidados com a família, filhos e idosos, ainda fica, principalmente no encargo das mulheres. Mantém-se uma relação que põe a mulher como a principal responsável pelos cuidados com a família e esse é um fator que limita as possibilidades de

aprimoramento e dedicação às suas atividades laborativas. Conforme afirma Bruschini (2000), as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas.

Bruschini (2000), aponta ainda para a questão de que a constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como as características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar.

Nessa conjuntura, é na família em que está a maior desvalorização em relação ao trabalho das artesãs e mesmo quando passam a ser reconhecidos, só o são por propiciarem renda que irá compor também a renda familiar. O trabalho autônomo como o trabalho artesanal ainda é visto como instável tanto financeiramente como em relação aos direitos trabalhistas. A ideia de trabalho corrente é daquele assegurado em carteira assinada, desenvolvido fora de casa, em outro espaço reconhecido publicamente.

Hirata e Kergoat (2007), enunciam os dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho: o princípio da separação, baseado na afirmação de existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o princípio hierárquico, no qual o trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher. Ambos rebaixam o gênero ao sexo biológico, reduzem as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados.

No caso observado, o artesanato não é considerado “coisa de homem”, salvo algumas tipologias nas quais a matéria-prima utilizada é o ferro, a madeira, o aço e afins. É, na verdade, sobre o princípio da separação, a priori, que repousa a divisão sexual do trabalho artesanal. Ao artesanato, são atribuídas qualidades consideradas femininas, como a delicadeza, o carinho. Essa diferenciação não ocorre apenas entre os artesãos, mas também entre aqueles que apreciam o artesanato, o que pode influenciar sobremaneira na valorização do produto final a partir de quem o produziu. E já aqui pode-se observar o segundo princípio organizador da divisão sexual do trabalho, o hierárquico.

No que se refere, a comunidade estudada e ao labirinto o trabalho artesanal consideramos é construtor da identidade dessas mulheres, pois foi através dele que

elas passaram a pensar um pouco mais em si mesmas, visto em conta ser algo desenvolvido por elas, que possui a sua marca, uma habilidade que as legitima socialmente, que gera reconhecimento e valorização pública. O trabalho, como categoria fundante de todo ser social, teceu identidades que, mesmo marcadas notadamente pela distinção de sexo/gênero, permitiu a essas mulheres vivenciar possibilidades até outrora inimagináveis, colocou-as diante de si mesmas e de suas potencialidades e permitiu traçar novos rumos e perspectivas.

A busca para tecer os fios do trabalho artesanal faz lembrar um mapa, como se simbolizasse um retrato da condição feminina, exposta muitas vezes em um labor doméstico em que o corpo se desgasta, sem ter seu resultado reconhecido nem valorizado no seio da esfera privada. A grande problemática consiste em ter que lidar com o peso de um sistema no qual ainda é frequente a desigualdade de acesso ao mercado de trabalho e a divisão das tarefas domésticas.

Considerar o gênero como elemento estruturante e estruturado das/pelas relações sociais, implicou não apenas em reconhecer o trabalho artesanal através dos princípios da divisão social e sexual do trabalho sobre os quais repousa, mas se apropriar de um discurso revelador muito mais de potencialidades e superação, encontros e desencontros que esse tipo de trabalho representa na vida das mulheres em questão.

Para além do trabalho manual, o artesanato possibilitou a vivência de uma autonomia antes impensada e modificou, sobremaneira, a dinâmica das relações familiares, ainda que mais pelos rendimentos do que pelo significado comercial para os membros da família. Atentando para o caráter manual do artesanato, no que tange à organização do trabalho, recorre-se à afirmação de Hirata (2002), ao reconhecer e chamar a atenção para o fato de que o trabalho manual e repetitivo é predominantemente atribuído às mulheres; daí o trabalho artesanal ser considerado como “coisa de mulher”.

Através do artesanato, às mulheres de Chã dos Pereiras-PB vislumbraram a possibilidade de sua autonomia. Autonomia não apenas no sentido estritamente econômico, também em relação à superação da condição limitada da mulher no espaço privado daquela localidade. Pelas vias da produção artesanal, as mulheres de Chã dos Pereiras se projetou socialmente e profissionalmente pois suas atitudes antes do artesanato era caracterizada essencialmente por ser “caseira”, doméstica, foi mesmo com a comercialização, dada no espaço público, que se encerraram as

inúmeras possibilidades de transposição de um status quo historicamente hierarquizado de inferioridade para emancipação.

A esse respeito, Hirata (2002) afirma que a divisão sexual pode até permanecer, como de fato acontece, mas ela encerra em si mesma alternativa de superação. Sendo a mulher a principal responsável pelos cuidados com a família, suas possibilidades de aprimoramento e dedicação às suas atividades laborativas ficam estritamente limitadas. Falta-lhe o reconhecimento no espaço mesmo da vida familiar. Seu trabalho como artesã também foi capaz de abalar os fundamentos patriarcais da família, porque como afirma Sarti (2005), não desestrutura o lugar da autoridade do homem nesse espaço. O reconhecimento público, nos espaços de comercialização configurou-se como determinante para o envolvimento das mulheres com o artesanato.

4 CHÃ DOS PEREIRAS, E SUA IDENTIDADE CULTURAL PELO LABIRINTO

A renda de labirinto faz parte da identidade cultural de Chã dos Pereira, representa o seu povo, é o elemento que lhe atribui um sentimento de pertencimento local, uma identidade. Arriscando uma analogia, é possível dizer que o labirinto representa para Chã dos Pereira, o que a bandeira representa para a Nação, e como tal, assume um caráter territorial e político.

A Chã dos Pereira é um aconchegante distrito de Ingá, na Várzea do Paraíba, situado a 95 km de João Pessoa. A fama deste pequeno conglomerado rural, já ultrapassou as fronteiras do Brasil, porque a maioria das mulheres que moram na área se dedica à confecção do labirinto, uma atividade manual semelhantes a um tipo de bordado, que atualmente, enfeita casas, roupas e escritórios de muitos países do mundo (JORNAL UNIÃO; 25 de agosto 2007, *apud*. FERREIRA, 2012, p. 112).

O labirinto, deu notoriedade a comunidade que é chamada de Chã, a grande contribuição desta arte para comunidade foi que sem ela, o lugar não teria o destaque nacional, pois o labirinto que ressaltou a importância cultural, social e econômica da comunidade se diferenciando de práticas de outros diversos povoados rurais do interior da Paraíba.

FIGURA 4: Chã dos Pereiras-PB



FONTE: Diogo Nascimento (2017)

Nas ruas da comunidade é comum ver as mulheres bordando está renda que adorna com os seus desenhos brocados as ruas do distrito, lhe dando ares de atelier em que as artistas entre uma agulha e outra, realizam suas obras sem se preocuparem com o tempo que passa vagorosamente, até que se findem mais uma peça encomendada. Podemos verificar tal afirmativa, através da figura 5 abaixo:

FIGURA 5: Expressão artística nas calçadas: a pratica da Arte do labirinto



FONTE: Guga Millet (2017)

Sem renda, não haveria como designar um elemento unificador desta comunidade, portanto é este o material que do significado ao povo de Chã dos Pereiras e conseqüentemente lhe institui uma identidade social e pertencimento.

Condição esta que influência no desenvolvimento local ao atrair as atenções do poder público e estabelecendo formas de ampliação e melhoramento do lugar.

A renda de labirinto por ser uma técnica artesanal bastante refinada, dando origem a desenhos variados, em Chã dos Pereiras, foi considerada expoente da produção paraibana neste aspecto. Pouco se sabe sobre sua origem, a referência mantida pelas artesãs são as lembranças de suas mães e avós envoltas na ida com os filhos, a casa, a roça e o ofício.

Na memória das mulheres, porém predomina a ideia de que a técnica tinha sido introduzida na localidade pelas esposas de estrangeiros que, tendo passado ali alguns dias, ensinaram as moradoras. Nas residências, ruas e praças, as mulheres criam um repertório de produto de utilidade doméstica nas horas livres. Isso também porque buscam o sustento da família na agricultura, participando quase que de igual para igual do universo de trabalho masculino.

A matéria-prima básica são tecidos de algodão desfiados tais como: o linhão, o linho, o linho irlandês, o testolene e a cambraia de linho, comprados facilmente no comércio de Campina Grande – PB. E os instrumentos de trabalhos são a agulha de costura comum, gilete, tesoura e bastidor. Antes as mulheres trabalhavam individualmente, pois o trajeto era feito da seguinte forma, inicialmente a compra da matéria-prima e posteriormente a busca por compradores.

Neste momento inicial da fabricação artística e venda das peças, elas enfrentaram muitas dificuldades, pois era muito raro vender uma peça de labirinto e o percurso era longe das suas residências, o que fragilizava esta categoria de trabalhadoras e a defesa de seus interesses.

Em 1993, foi construída a associação das artesãs de Chã dos Pereira com apoio de oligarquias governamentais e não governamentais, dando uma nova perspectiva de vida às mulheres que trabalhavam com essa arte. Esta associação conforme figura 6 abaixo, veio modificar a trajetória de vida destas mulheres.

FIGURA 6: Associação das Artesãs de Chã dos Pereiras



FONTE: Acervo pessoal de Marcilio de Souza Santos Aaraújo (2017)

O labirinto hoje é admirado por visitantes do Brasil e do exterior que chegam à Paraíba a procura destas peças artísticas, encantados com o produto e levam para seus locais de origem alguns exemplares desta arte. A peça pode ser produzida por encomenda, através dos familiares das labirinteiras que são acionados para venderem a peça, ou mesmo quando alguém conhecido da região viaja para fora da comunidade e leva amostras das peças para vender.

É o artesanato manifestando as suas artes de várias formações complexas e de grande extensão de elegância cultural, ultrapassando barreiras, desafios, instaurando para instilar um novo trabalho de competência autêntica, produzido coletivamente apontando a beleza desta que na minha visão é uma obra prima do artesanato nordestino.

5 TRAJETÓRIA DE VIDA DAS MULHERES LABIRINTEIRAS DE CHÃ DOS PEREIRAS E NARRATIVAS DE MEMÓRIAS

Em relação à influência e o nascedouro da arte do labirinto na comunidade de Chã dos Pereiras – PB, nossa informante Antônia Ribeiro de Mendonça em entrevista concedida nos narrou que:

A dificuldade na cidade era muito na época e quando o labirinto apareceu era uma fonte de renda. E eu como criança achei que devia trabalhar pra ajudar na casa também nossos pais que não tinha renda nenhuma, era

muito difícil. Naquela época nem aposentadoria tinha pra os idosos que todo mundo sabe disso né. Então eu me dediquei a estudar, quando chegava da escola ia pra estação de Ingá quase 1km a pé sozinha e lá aprendi com minha madrinha (Antônia Ribeiro de Mendonça, 2017).

Podemos ver que a trajetória do labirinto conforme o relato de Antônia Ribeiro de Mendonça, veio modificar a vida da comunidade no sentido que trouxe uma renda para as pessoas que pudessem desenvolver essa arte, bem como mostrando que desde criança ouve interesse por parte dela em relação a esta arte, na visão sobre o labirinto, enfatizando a questão do trabalho das mulheres nessa cultura, Antônia Ribeiro de Mendonça nos comunicou:

Olha que eu vejo ainda muito desvalorizada pelo trabalho ser manual agente faz uma peça muito bonita e sempre achei muito bonita o labirinto. E quando a gente vai pra as feiras o pessoal ainda pede menos preços que a gente já bota o mínimo pra vender, ai é por isso que muita gente desestimula, ai as jovens, principalmente as jovens não querem trabalhar no labirinto porque não verem vantagens (Antônia Ribeiro de Mendonça, 2017).

Sobre essa mesma perspectiva, Josefa Ferreira de Oliveira nos respondeu:

Olhe eu acho o que ta faltando as mulheres valoriza a cultura de labirinto, porque elas trabalha desde crianças como eu, mas agora não sabe valorizar. Elas fazem a peça e vende por qualquer preço, então não sabe valorizar por isso que o labirinto hoje tá tão desvalorizado no mercado (Josefa Ferreira de Oliveira, 2017).

Perante as falas das entrevistadas, podemos observar que existe uma situação de desvalorização de algumas das mulheres da comunidade pela cultura do labirinto através da produção dessa arte que não sabe valorizar o seu ofício.

Na relação da arte do labirinto com sua história de vida, Antônia Ribeiro de Oliveira enfatizou que:

O labirinto aqui em chã dos Pereiras eu cheguei aqui em 1952 o pessoal fazia, e eu com o pouco do saber que aprendi no Ingá comecei a conversa com as mulheres que trabalhavam, porque antes do labirinto também eu fiz um concurso público antes de vim pra aqui Chã dos Pereiras e me dediquei a trabalhar na Educação, e passava nas portas onde as meninas trabalhava tudo sentada no chão, até umas de baixos dos pés de árvore e eu com vontade de conversa com aquelas mulheres pra agente se reunir e formar um grupo pra fortalecer o trabalho era o meu ideal, e assim graças a Deus aconteceu. Hoje resumindo temos associação das artesãs fruto da organização das mulheres daqui através da minha pessoa. Depois que eu vi que as coisas tava dando certa convidei na década de 60 uma menina do SEBRAI Paraíba, que ela veio aqui nos ajudou, ajudou em tudo em contabilidade até projeto fez pra conseguir matéria prima. Então hoje eu ainda valorizo demais o labirinto porque graças a Deus por onde eu ando

todas as feiras que participo no Brasil é muito bem aceito, apesar de não só ser Chã dos Pereiras porque quando a gente vai pra uma feira tem 5 comunidade que fica tudo juntas assim, porque quem vai pra as feiras de João Pessoa, Campina Grande e finalmente quase todos estados do Brasil agente está nas feiras (Antonia Ribeiro de Mendonça, 2017).

Sobre essa discussão, Josefa Ferreira de Oliveira nos informou:

Eu conheço muita história bonita do labirinto, inclusive da minha mãe que ela ficou órfã com 7 anos de idade (veja que interessante dona Zefinha começo a pratica de Labirinto justamente a idade que a mãe dela perdeu os seus pais.) e meu avô que era pai dela saiu e deixou ela com 7 anos de idade sem ela ter o que de viver, com 7 anos de idade com 3 irmãos menor pra criar e ela começou fazendo o labirinto, que naquele tempo não se sabia riscar era só desfiar o tecido todo e ia fazendo os desenhos no tecido. E foi dessa maneira com dificuldade, passando necessidade morando numa loca de pedra que conseguiu criar os 3 irmãos dela e ela ter se casar e teve 8 filhos eu sou a mais nova dos 8 filhos que ela teve, e tudo com o labirinto. Coseguiu casa própria, conseguiu sobreviver até quanto deu, e trabalhou com o labirinto até os 70 anos (Josefa Ferreira de Oliveira,2017). A partir da fala das nossas informantes percebemos que devidos a dificuldades financeiras logo cedo as mulheres passaram a desenvolver esse ofício do labirinto. O desenvolvimento dessa arte foi primordial na conquista coletiva pela valorização de suas práticas culturais em outros setores socioeconômicos.

O trabalho com o labirinto tem sido fundamental no ofício das mulheres para cultura de Chã dos Pereiras, Antônia Ribeiro nos relata que:

Eu vejo muito importante porque anterior mente era agricultura, o labirinto era muito assim não bem assim conhecido pelas as labirinteiras, depois que o SEBRAE entrou e começou a sentir e tudo mais o labirinto era de grande importância pra elas por que até uma creche não sei qual foi o ano que consegui um projeto com o banco do Brasil ai fez aquela creche pra as criança que as mulheres trabalhava no labirinto, as crianças de ter aquela oportunidade de alimentação, educação e as mulheres dedica-se ao trabalho. Eu acho que assim elas ficaram muito feliz da creche, e a união e organização, a importância é a organização é a gente tem um grupo certo de se organizar pra qualquer festinha que fizer da comunidade, é uma grande utilidade esse labirinto pra as mulheres unidas de Chã dos Pereiras (Antônia Ribeiro de Mendonça, 2017).

Na mesma perspectiva Josefa Ferreira de Oliveira nos informa que:

A cultura porque sempre que agente consegue ter uma profissão que não é reconhecida ainda as artesã como profissão. Mas pra agente é uma profissão gratificante porque através dela que agente sobrevive eu mesma consegui ter a minha casa através do labirinto, eu fazendo e vendendo construir minha casa com ajuda do meu marido. E eu acho gratificante ser artesã (Josefa Ferreira de Oliveira, 2017).

Através dos relatos das labirinteiras, percebemos as conquistas para comunidade e também principalmente para elas o artesanato de labirinto, trouxe. Entretanto, com ajuda de outros órgãos financeiros privados que ajudou a mover economicamente a expandir exteriormente as labirinteiras de Chã dos Pereira-PB,

dando-lhes autonomia de lucro pelo ofício praticado pela renda de labirinto. A arte do labirinto para a comunidade de Chã dos Pereiras-PB, na visão das entrevistadas Antônia Ribeiro de Mendonça nos narra que:

Olhe o povo disse que santo de casa não faz milagre. O reconhecimento da comunidade não vejo mas, no estado já vim, já tem certificado de mestra da renda do labirinto isso na feira de João Pessoa onde fui homenageada e recebi meu certificado e foi na frente das autoridades, governador, senadores e deputado, foi muito bonito. Fui homenageada lá em João Pessoa e recebi o título de mestra do labirinto pelo curador. Pra mim foi uma grande honra, mesmo a comunidade não está presente, quando me elogiara disseram que essa festa não pertence só a mim porque sem a organização que temos em Chã dos Pereiras aqui não seria nada porque eu tou recebendo essa homenagem mais agradeço as minhas colegas de Chã dos Pereiras porque sem elas não dá, eu não tinha organização uma pessoa, uma andorinha só não faz verão. Então eu agradeço a todas minhas colegas de Chã dos Pereiras a qualquer lugar que o pessoal elogia, me elogia através da associação que nós temos (Antônia Ribeiro de Mendonça, 2017)

Nos mesmos aspectos da informação abordada, Josefa Ferreira de Oliveira nos relata: “Na comunidade onde moro o reconhecimento é pouco. Mas fora é bom o reconhecimento” (Josefa Ferreira de Oliveira, 2017).

Podemos observar que o artesanato de labirinto da comunidade de Chã dos Pereira-PB visto por pessoas de outros lugares é bem representativo, diferente e exposto pelas narrativas das entrevistadas que na comunidade, não há reconhecimento de merecido ao artesanato local que praticam. Em suas narrativas, as informantes ressaltaram a importância do Artesanato de labirinto da comunidade Chã dos Pereiras-PB para história do município de Ingá, Antônia Ribeiro de Mendonça nos informa que:

É, o trabalho de Chã dos Pereiras já está sendo reconhecido na cidade de Ingá, porque quando nós chegamos na feira além de Chã dos Pereiras eles botam Ingá. E eu que nasci no Ingá quero valoriza minha cidade, eu vejo a grande importância para a cidade do Ingá, agente já foi convidado pelo secretário de turismo para se organizar na Pedra Lavrada uma lojinha com artesanato sabe, de labirinto e a gente vai pensa nisso (Antônia Ribeiro de Mendonça, 2017).

Já Josefa Ferreira de Oliveira na mesma perspectiva nos narra que:

Olhe na história de Ingá tá indo de vaga, porque Ingá não dá muita, ele não dá muita importância ao labirinto. Mas que a gente já fez em labirinto os desenhos da pedra Itacoatiara, só que eles não divulgam eles não faz por onde que esse trabalho nosso através do labirinto divulgando as itacoatiara de Ingá eles abafam e não divulga (Josefa Ferreira de Oliveira, 2017)

Posto isto, observamos que a trajetória do reconhecimento do município de Ingá para o artesanato de labirinto da comunidade de Chã dos Pereiras através dos relatos das entrevistadas andam em diferentes falas, mas demonstrando que o reconhecimento do município de Ingá pela prática artesanal do labirinto da comunidade de Chã dos Pereiras – PB ainda caminham a passos lentos, contudo, a valorização de órgãos públicos da cidade dá seus sinais significativos para história do município para desenvolvimento econômico das labirinteiras e reconhecimento futuramente.

6 CONSIDERAÇÃO FINAIS

As pesquisas realizadas sobre o artesanato de labirinto e as labirinteiras da comunidade de Chã dos Pereiras-PB, nos possibilitou compreender a trajetória das práticas culturais desenvolvidas por estas mulheres na comunidade, bem como nos permitiu ressaltar a importância de sua historicidade a partir da arte do labirinto. Acreditamos que esta pesquisa contribui para a linha de pesquisa do curso Gênero, sexualidade e corpo, ressaltando os aspectos sobre as mulheres e suas artes comunitárias e memoriais.

A pesquisa sobre o artesanato de labirinto oportunizou observar a integração do artesanato de labirinto na história de vida das labirinteiras da comunidade de Chã dos Pereiras – PB e como elas percebem suas práticas culturais e as maneiras como diferentes gerações de labirinteiras colaboraram na memória social da comunidade e na história da mesma a partir de sua arte do labirinto.

No ofício no manuseio do labirinto requer criatividade e essas mulheres desenvolvem um fazer artístico importante na memória local, colocando o distrito de Chã dos Pereiras-PB como um dos polos expoente artístico e cultural do Artesanato de Labirinto na Paraíba, no Brasil e internacionalmente.

ABSTRACT

The art of labyrinth embroidery is part of the history of the rural community of Chã dos Pereiras in the city of Ingá-PB. In this location, the work of women has been excelled in this type of handcrafting, both in the economic sustainability of the family and in the re-signification of the feminine participation in this location, giving importance to the practices they develop and making their art notable in the local and regional scenario. In this article, we discuss the life trajectory of women in this community through their works with labyrinth embroidery. The general objective is to analyze the art of labyrinth embroidery in the community of Chã dos Pereiras-PB through their narratives of life and work story in the perspective of memory. Our study is situated in the research field of History about women, articulating the discussion between work and memory. We work with the theoretical perspective of Ferreira (2012), Sorrentino (1993), Cunha (2014), Abrante (2012), Pollak (1992), Pollak (1989), Pesavento(2005). We understand that labyrinth embroidery makes the work of women notable, but also, it marks a new historicity in their lives, contributing to their affirmations in the field of work and life story.

Keywords: Women. Labyrinth Embroidery. Life story. Memory.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Hayeska Costa e FROTA, Maria Helena de Paula. **A trama do trabalho artesanal para mulheres cearences**: desvendando códigos de gênero. Fortaleza: UECE, 2010.

FERREIRA, Alexandre. **Ingá**: Retalhos da História...Resquícios de memória. Campina Grande: Cópias e Papéis, 2012.

LABIRINTO DE RENDA(Ingá e chã dos Pereira/PB). Direção: Beбето Abrantes. Roteiro: Cristina Gomes. Música: Fabrício Araujo. CaradeCão Filmes, 2012. Vídeo (23:53 min.), widescreen, color, legendado.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Sandra Jatahy Pesavento. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992, p. 200 – 212.

SORRENTINO, Rossana de Souza; (coord.) **Uma História do Ingá** – Editora Universitária- UFPB, 1993.